

À Descoberta do Fundo do Mar

Dia 3 Março, na Central Internacional de Faro, é captado um sinal de socorro de um barco de pesca. De imediato, é enviado um barco em seu auxílio e, quando lá chegam, o barco já se havia afundado e os tripulantes encontravam-se à deriva.

Os pescadores relataram a situação como uma mancha gigantesca, captada pelo sonar, que se aproximara, os arrombara e lhes destruíra por completo o barco.

Um mês passou e o assunto morreu.

Dia 31 de Março, um barco de pesca capta um sinal fora do comum. Habitados aos sinais dos outros barcos, aquele era realmente muito estranho, era outra vez a mancha?

Pelo mundo fora estranhos sinais continuavam a ser detectados pelos sonares de barcos o que levou à formação de um grupo de investigadores com o objectivo de determinar as causas de tais fenómenos.

Dia 5 de Abril, o primeiro passo dos investigadores foi tentar identificar as causas das manchas enviando um mini-submergível para o local onde se tinha observado uma das manchas. O local... junto a uma das pontas mais ocidentais da Europa, ao largo do Cabo de Sagres.

Na procura de alguma pista, o submergível capta imagens de um cadáver em tal estado de decomposição que não era fácil uma identificação segura e precisa a olho nu, mas no laboratório os restos do corpo encontrado mostraram pertencer a um golfinho-comum (*Delphinus delphis*) macho.

Desde logo, algumas perguntas assolaram as autoridades: Como? E porquê? As explicações foram inúmeras e, por vezes, mirabolantes. Este grupo de cientistas

começou a empolgar-se com as ideias que lhes surgiam e decidiram continuar a sua investigação. Com dados fornecidos por centrais de todo o mundo, elaboraram um mapa com todos os locais onde se tinham detectado as manchas e os barcos afundados. Tal como ao largo do Cabo de Sagres, as manchas avistadas pelo mundo coincidiam com a passagem de grandes grupos de golfinhos.

Dia 6 de Abril, depois do assunto quase ter morrido naturalmente e ainda sem qualquer explicação plausível, um telefonema inesperado da ESA (Agência Espacial Europeia), condimenta as fantásticas ideias do pequeno grupo de cientistas que se tinha interessado pelo assunto. A mensagem era no mínimo surrealista, as manchas captadas pelos barcos haviam sido observadas do espaço e não só o seu tamanho era intrigante como as formas geométricas bem definidas – triângulos isósceles – também o eram. Com estes novos dados um novo mapa foi elaborado e para surpresa de todos... os triângulos pareciam apontar para um local muito preciso. As diferentes direcções sugeridas por aquelas toscas setas convergiam para um ponto de longitude 8 e latitude 36,5.

O grupo de cientistas parte para estas coordenadas e, quando lá chegam, não encontram coisa alguma, nada de nada, nem mancha, nem golfinhos.

Dia 8 de Abril, uma ideia brilhante atravessa a mente dos investigadores: os golfinhos estavam a tentar contactar com os seres humanos e faziam-no através de formas geométricas. Um dos elementos do grupo associou este fenómeno à Atlântida. Eram escassos os dados sobre a localização da cidade perdida, mas talvez fosse ali...E foi com esta ideia que os investigadores começaram a explorar o fundo oceânico. Começaram por encontrar o que não é raro no fundo oceânico, alguns restos do que outrora teria sido uma magnífica caravela portuguesa carregada possivelmente com ouro originário das longínquas terras de Vera Cruz, mas, apesar da descoberta que mereceria a seu tempo a devida atenção, relativamente à investigação que os trouxera ali, nada. Até que, e mais uma vez, o inesperado corta a respiração de todos os

envolvidos. O submergível que estava a escavar toca em algo maciço e aparentemente enorme, a acreditar no sonar de varrimento. Com os devidos cuidados, alguns dos sedimentos foram afastados e deixaram ver uma superfície que reflecte a luz dos faróis do submarino. Só podia ser ouro, ouro maciço. À medida que se punha a descoberto mais e mais área, o ouro, inacreditavelmente, ia tomando a forma de uma pirâmide, a primeira ideia a surgir quando o estado de choque foi passando e as emoções a permitiram era que afinal a cidade perdida e afundada de que Platão falava existia.

Dia 8 de Abril, à noite, no Telejornal, um dos cientistas é convidado a comentar o comportamento atribuído aos golfinhos e lembra que estes mamíferos possuem um encéfalo maior e com mais circunvoluções do que o do Homem e, embora se lhes reconhecesse alguma inteligência, o feito sem precedentes abria outras perspectivas como o desenvolvimento de uma verdadeira comunicação do Homem com esta e outras espécies afins. Lembrou que os golfinhos possuem na testa um corpo ceroso que actua como uma lente de som. O golfinho ao vibrar ar nos sacos nasais produz ultra sons que são focados através dessa lente radiando a partir daí uma vibração com determinados comprimentos de onda, que ao encontrar um objecto é reflectida, sendo estes sinais de retorno, captados e amplificados percorrendo os ossos da maxila até ao ouvido, vindo a ser posteriormente interpretados pelo magnífico cérebro, permitindo-lhe saber assim que tipo, morfologia e dimensão de objectos tem em seu redor. Especulou-se também que, sendo emissores e receptores destes ultra sons, os usassem na comunicação entre eles, ou seja, falassem uns com os outros possivelmente com imagens, e se assim for, ou se se viesse a verificar, era possível, recorrendo um pouco à nossa tecnologia, fazer o mesmo que eles e, através de um emissor e de um receptor que grave os ultra sons de retorno enviados na direcção de um qualquer objecto, criar uma linguagem simbólica, algo parecido com o cinema, permitindo ao Homem e ao Golfinho comunicarem ... Não referiu nada relativamente às descobertas desse dia no fundo oceânico, para não atrair curiosos e outros menos escrupulosos..

Dia 11 de Abril, é feito um anúncio conjunto, em nome de toda a humanidade, pela Ocean Technology Foundation, a Universidade de Connecticut, o Centro de Ciências do Mar do Algarve, a Universidade Autónoma de Lisboa, o Instituto Hidrográfico de Portugal e a Organização das Nações Unidas, da instalação de uma ***Ocean Base*** para investigar o local em termos arqueológicos e para desenvolver uma linguagem capaz de aproximar o Homem ao Golfinho.

Autores: Carlos Ramos; Jorge Lima; Joana Cravo; Sara Valente